

## A REPRESENTAÇÃO CULTURAL DO CORPO NO ARTESANATO DE MIRITI

Joyce O. S. Ribeiro (1); Igora I. Dácio (1); Lidia Sarges Lobato (2); Joneide Pinheiro Alexandre (3)

PPGCITI/CAAB/UFPA, [joyce@ufa.br](mailto:joyce@ufa.br)  
PPGCITI/CAAB/UFPA, [igorarock@hotmail.com](mailto:igorarock@hotmail.com)  
PPEB/ICED/UFPA, [lidiasarges@yahoo.com.br](mailto:lidiasarges@yahoo.com.br)  
Pibic/CNPq/UFPA, [alexandrejoneide@hotmail.com](mailto:alexandrejoneide@hotmail.com)

### Resumo

O trabalho tem como objetivo refletir sobre a representação dos corpos na peça *casal de namorados*, um artesanato típico da cidade de Abaetetuba/Pará/Brasil. O procedimento de análise é a representação cultural do modo como explorada por Silva (1999) e Hall (1997), com contribuições de Foucault (2004). A peça é modelada a partir de certas marcas que integram um roteiro com princípios organizadores para homogeneização-diferenciação dos corpos como a roupa e o corte de cabelos, dispositivos que intervêm para identifica-los inequivocamente. Mesmo que tenhamos observado contestação à cultura de gênero nos ateliês de produção dos brinquedos, esta não é capaz de questionar as representações idealizadas dos corpos. Concluímos pela necessidade de um *currículo* com possibilidade de promover a desnaturalização das representações, pois o corpo é provisório e reage obedecendo-desobedecendo, produzindo fissuras em sua superfície sempre reversível.

**Palavras-chave:** Artesanato de miriti, Representação cultural, Corpo, Currículo.

### Introdução

Neste trabalho faremos uma reflexão sobre a representação dos corpos masculino e feminino no artesanato de miriti, mais especificamente na peça *casal de namorados*. Também é nossa intenção discutir o currículo como representação, como artefato necessário para ajudar a identificar, compreender e desconstruir as representações de gênero comunicados pelos mais diversos textos culturais, para o governo de mulheres e de homens. O trabalho resulta de pesquisa desenvolvida entre 2013/15 – com continuidade no ano de 2016, – momento no qual identificamos e sistematizamos alguns traços que consideramos elementos estruturantes da tradição do brinquedo de miriti, entre os quais, a *produção generificada* que orienta as relações de gênero nos ateliês de produção.

### Metodologia, resultados e discussão

Cabe esclarecer sobre a noção de representação que acionaremos. Na perspectiva construtivista de Hall (1997), a representação se dá por meio da linguagem e é um modo de dar sentido ao mundo e às coisas. Para o autor, a representação “é o vínculo entre os conceitos e a linguagem, o que nos capacita a referir seja sobre o mundo ‘real’ dos objetos, pessoas ou eventos,

ou aos mundos imaginários dos objetos, pessoas e eventos fictícios” (HALL, 1997, p. 5 – tradução livre).

A representação para Hall (1997), é enredada por relações de poder e a compreensão deste complexo processo é possibilitada pela noção foucaultiana de saber-poder. Na analítica foucaultiana, o poder circula por toda a sociedade e está espalhado como uma malha ou rede, o que sugere que todos estamos implicados em sua circulação, opressores e oprimidos, homens e mulheres. As relações de poder operam em todos os aspectos da vida social, tanto na esfera pública – economia e leis - quanto na esfera privada – família e sexualidade. E o mais desconcertante, é que o poder não é unicamente negativo por regular, controlar e disciplinar; ele é também produtivo.

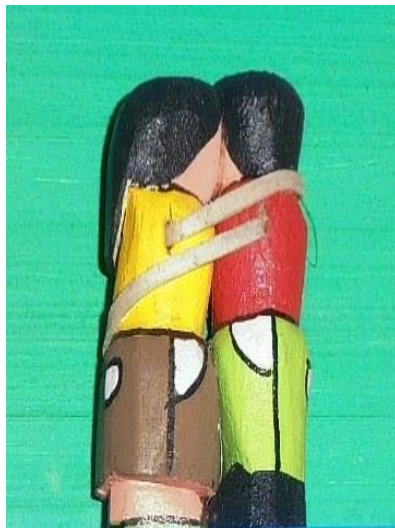
Entre os resultados, argumentamos que a tradição do brinquedo de miriti é bicentenária em Abaetetuba, cidade ribeirinha localizada relativamente próxima à Belém, a capital do estado do Pará/Brasil. Esta é uma tradição de origem popular, trazida ao presente pela memória oral. A matéria-prima usada na produção de tais brinquedos é o pecíolo, também chamado de braço ou “bucha”, retirado da palmeira do miriti, espécie abundante na região das Ilhas de Abaetetuba. A bucha do miriti é leve e quebradiça, levando-o a ser chamado de *isopor da Amazônia*, e é esta maleabilidade que possibilita a grande riqueza de detalhes nas peças. As peças ainda guardam certo aspecto de rusticidade, mas atravessaram o tempo e chegaram aos dias atuais por meio da iniciativa das associações existentes (Asamab e Miritong)<sup>1</sup> e do dedicado trabalho de artesãos e artesãs.

A produção dos brinquedos de miriti é realizada em ateliês familiares, por meio do trabalho artesanal organizado pela divisão de tarefas ao qual denominamos de *produção generificada*; esta constitui-se de um processo que distribui as atividades por gênero, sustentadas pela crença de que existe *trabalho bruto e trabalho leve*. Em geral, o trabalho bruto é o masculino e envolve o cortar-modelar, lixar e selar; o trabalho leve é destinado às mulheres, e consiste na pintura e no acabamento (contorno) com caneta preta apropriada. Há vários discursos que justificam a generificação da produção: o suposto perigo e a exigência de habilidade para o corte-modelagem; e ideia de que a Mulher é naturalmente frágil, delicada, paciente, cuidadosa, e preocupada com a aparência, o que as torna ideais para as exigências de leveza da pintura. Observamos que a *produção generificada* está naturalizada, pois artesãos e artesãs disseram que jamais perceberam a divisão de tarefas, pois para eles e elas os “homens sempre cortaram e mulheres sempre pintaram”. E assim, pela repetição histórica, a *produção generificada* vem sendo produzida e reproduzida.

---

<sup>1</sup> Asamab - Associação dos artesãos de brinquedos e artesanatos de miriti de Abaetetuba; Miritong – Associação Arte em Miriti de Abaetetuba.

Há uma diversidade de temas que orientam a produção das peças; entre estes, há o *casal de namorados*, que consiste na representação de um homem e uma mulher abraçados. As peças apresentam uma leve variação na posição dos rostos, podendo simular um beijo na boca ou apenas os rostos colados como em uma dança.



Peça *casal de namorados*. Fonte: Lidia Sarges, 2015.

Na imagem acima é possível perceber as marcas de gênero na plástica dos corpos masculinos e femininos, expressas no corte dos cabelos e nas roupas. O boneco que representa o homem tem cabelos curtos, veste calças compridas e camisa com mangas curtas; e a boneca que representa a mulher, possui cabelos longos e veste saias. Os bonecos da peça são a imagem dos gêneros hegemônicos, em razão do corpo ser considerado veículo de significados sobre o que é adequado e aceitável para homens e mulheres, em relação ao vestuário, ao corte de cabelo e ao par romântico, de modo a identifica-los inequivocamente já na primeira mirada.

A sociedade controla o indivíduo por meio do corpo, na medida em que faz agir sobre este um conjunto de dispositivos com a finalidade de disciplinamento, para levar o sujeito a cuidar de si (FOUCAULT, 1987). Nos ateliês, além das normas disseminadas pela *produção generificada*, há a disseminação de princípios organizadores para o cuidado com o corpo muito eficientes, e que integram o que Bordo (1997) chama de economia do corpo, cujo objetivo é a um só tempo a homogeneização-diferenciação de suas marcas. Homogeneização na medida em que todas as mulheres e todos os homens devem vestir-se, pentear-se, andar, gesticular, falar, olhar e sorrir conforme o roteiro para seu gênero; diferenciação, na medida em que há um roteiro distinto para mulheres e homens.

Deste modo, os cabelos e as roupas identificam os gêneros, e funcionam como um sinal visual, já que são dispositivos que intervêm para identifica-los inequivocamente, pois sempre houve uma estética diferenciada para eles e elas<sup>2</sup>. Assim, com esta peça *casal de namorados*, da perspectiva do gênero e da sexualidade, consideramos que artesãos e artesãs estão representando o erotismo heteronormativo, na medida em que insinuam a reprodução e a continuidade da vida. Bataille (1987) argumenta que os corpos travam uma intensa busca pela superação do isolamento, do fechamento e da solidão, única via que garantirá a continuidade da vida. Em Bakhtin (1987), os corpos se encontram para abrir-se ao erotismo que está ligado à reprodução da vida por temor da morte. Ambos os autores falam aqui do erotismo heterossexual.

Para Costa (2006), precisamos de mecanismos para perceber os significados, os sentidos e demais componentes discursivos de gênero comunicados pelos mais diversos textos culturais, para compreender a lógica cultural que dispõe certas combinações de elementos, pois estes compõem um forte arsenal simbólico na produção das representações, neste caso, sobre o corpo. É preciso questionar como a cultural ocidental tem naturalizado a relação entre certas marcas do masculino e do feminino, usando estratégias de subjetivação para o governo de mulheres e de homens.

A escola dispõe de um desses mecanismos: o currículo. Entre as muitas experimentações que tem circulado na arena educacional, o currículo como representação é considerado “[...] um local em que circulam signos produzidos em outros locais, mas também um local de produção de signos” (SILVA, 1999, p. 64). O currículo como representação detém uma poética, pois ele não é apenas a expressão do real, ele produz o real por meio dos conhecimentos que transmite. Por sua vez, estes conhecimentos são produtos e produtores de signos que definem o que conta como real. Então, é preciso destacar o duplo processo de produção do currículo, para mostrar seus códigos, marcas e artifícios e, mais, o que isso faz com mulheres e homens.

## **Conclusão**

O brinquedo de miriti é produzido no processo que chamamos de *produção generificada*, há muito naturalizada, e que tem como um dos efeitos a montagem da peça *casal de namorados*. Nesta peça, a plástica dos corpos masculino e feminino é modelada em atenção aos princípios organizadores contidos na cultura de gênero. Além de representar as normas de gênero, a sexualidade hegemônica e os corpos ideais, a peça também representa o erotismo enquanto *exuberância da vida*, proporcionado pelo encontro de corpos para a reprodução.

---

<sup>2</sup> Nos chamou atenção o boneco loiro, pois o homem mestiço (ribeirinho, caboclo, indígena) é o mais comum na região terreno de pesquisa, porém, adiaremos esta reflexão.

No contexto da educação, o currículo como representação pode produzir espaços de desconstrução simbólica, distribuindo elementos que auxiliem na identificação e compreensão de significados de gênero, para que possamos reagir ao forte arsenal simbólico acionado na produção das representações. Acreditamos, que a identificação inequívoca do corpo é uma ficção, pois em sua superfície há espaços reversíveis e que o sujeito reage contestado das normas de gênero e a sexualidade compulsória.

### Referências

- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alisson M.; BORDO, Susan R. **Corpo, gênero e conhecimento**. Trad. Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- COSTA, Mariza V. O magistério e a política cultural de representação e identidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O magistério e a política cultural**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. pp. 69-92.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 27<sup>a</sup>. Edição. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. Isso não é um **cachimbo**. 3<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HALL, Stuart. El trabajo de la representación. \_\_\_\_\_. (Ed.). **Representation: Cultural representations and Signifying Practices**. Trad. Elías Sevilla Casas. London: Sage Publications, 1997. pp. 13-74.
- LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MORRIS, Desmond. **A mulher nua: um estudo sobre o corpo feminino**. São Paulo: Editora Globo, 2007.
- RIBEIRO, Joyce; SARGES, Lidia; PINHEIRO, Delisa. A cultura de gênero nos ateliês de produção do brinquedo de miriti. In: RIBEIRO, Joyce e outros. **A pesquisa no Baixo Tocantins: resultados de pesquisa**. São Paulo: Livraria da Física, 2015.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.
- SILVA, Tomas T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SIMÃO, Luiza A. M. A influência do corpo masculino na construção do terno contemporâneo. **ECOM**, São Paulo, 2011.
- STALYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memórias, dor**. Belo Horizonte: autêntica, 2000.